

INFLUÊNCIA DE PROCESSOS FONOLÓGICOS NA MARCAÇÃO EXPLÍCITA DE CVP6

Raquel Gomes Chaves¹

quelgchaves@gmail.com

RESUMO: Este trabalho investiga a influência dos processos fonológicos de redução /desnasalização de ditongos nasais átonos finais (com[ẽ] ~ com[ɪ], fal[ẽw̃] ~ fal[ɔ]) e de sândi externo (Elas não brinc[a]gora é só computador) sobre o fenômeno variável de marcação explícita de concordância verbal de terceira pessoa do plural (Eles comem ~ Eles comeØ, Elas brincam ~ Elas brincaØ) em dados de fala de 14 informantes habitantes da região não urbana da Costa da Lagoa (Florianópolis – SC). Para avaliar o efeito dos processos fonológicos sobre a marcação da concordância, realizamos duas análises distintas. A primeira levou em conta dados ambíguos (casos em que a marcação ou não marcação fonética da concordância poderia também ser resultado da ação de um dos fenômenos fonológicos referidos). Na segunda, não consideramos tais dados. Ao comparar as duas análises, os resultados indicam: (i) aumento do valor da frequência de aplicação da marcação de concordância na análise na qual os dados ambíguos foram excluídos, (ii) pequena diferença na seleção das variáveis condicionadoras pelo pacote estatístico Goldvarb X. Tais resultados apontam para a necessidade de um tratamento metodológico mais refinado que leve em conta a influência da fonética/fonologia na análise do fenômeno de marcação explícita de CVP6 em dados do português brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: concordância verbal; redução/denasalização; sândi externo; ditongo nasal.

ABSTRACT: The present paper investigates the influence of two phonological processes on the variable phenomenon of third person plural subject/verb agreement (Eles comem ~ Eles comeØ, Elas brincam ~ Elas brincaØ), namely, reduction/denasalization of final nasal unstressed diphthongs (com[ẽ] ~ com[ɪ], fal[ẽw̃] ~ fal[ɔ]) and external sandhi (Elas não brinc[a]gora é só computador) in speech samples supplied by 14 subjects from Costa da Lagoa, a non-urban region of Florianópolis (SC). In order to evaluate the effect of these phonological processes on agreement marking, we conducted two different analyses. The first one took into account ambiguous data (those in which the presence or absence of phonetic number marks could also be a result of the action of one of the phonological phenomena aforementioned). In the second analysis, we did not consider ambiguous data. Based on the comparison of these two analyses, the results indicate the following: (i) an increase in terms of frequency of agreement in the analysis in which ambiguous data were excluded; (ii) a subtle difference in the selection of constraints by statistical package Goldvarb X. These results point out the need of a more refined methodological approach that takes into account the influence of phonetics/phonology onto the analysis of explicit marking of third person subject/verb plural agreement in Brazilian Portuguese data.

KEYWORDS: subject/verb agreement marking; reduction/denasalization; external sandhi; nasal diphthong.

¹ Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – bolsista CAPES/PROEX.

INTRODUÇÃO

O uso variável na marcação da concordância entre sujeito e verbo de terceira pessoa do plural (CVP6) no Português Brasileiro (PB) é um fenômeno de interface que envolve sintaxe, morfologia, fonética e fonologia. O fenômeno está relacionado à sintaxe e à morfologia visto que a regra de concordância canônica (variante marcada), uso indicado pelos manuais prescritivos do português e verificado quase que categoricamente em dados de fala do português europeu (PE), prevê a flexão concomitante dos elementos do sintagma nominal sujeito e dos elementos do sintagma verbal – *ele falava* (singular)/ *eles falavam* (plural).

A relação entre a marcação explícita de CVP6 e a fonética/fonologia, por sua vez, tem sido destacada pela literatura (Lemle e Naro 1977, Naro 1981, Guy 1981, Scherre e Naro 1997, Scherre e Naro 1998, Scherre e Naro 2010, Monguilhott 2001, Monguilhott 2009, Brandão e Vieira 2012 entre outros), essencialmente, com base nos resultados relativos ao efeito da variável independente linguística Saliência Fônica sobre o fenômeno. Em linhas gerais, alguns dos estudos referidos têm verificado menores índices de marcação de CVP6 nos contextos rotulados como "formas verbais menos salientes" (cf. Escala de saliência fônica proposta por Naro, 1981²). Nos dados categorizados nessa categoria, uma das possíveis realizações da concordância pode se dar exclusivamente por meio do traço de nasalidade na forma plural, como por exemplo, em "ele com[ɪ]" (singular)/ "eles com[ĩ]" (plural).³ De modo ainda mais específico, os estudos sobre a marcação variável explícita de CVP6 têm indicado, nos casos em que a distinção entre a forma singular e plural pode ser verificada apenas pela presença da nasalidade, taxas inferiores de marcação se comparados a outros casos em que a distinção singular/plural envolve maior ou total quantidade de material fônico e/ou distinção acentual.

No entanto tais resultados podem ser interpretados à luz dos apontamentos feitos por Guy (1981, 1996) e Schwindt (2015). Segundo os dois autores, formas como "(eles) com[ɪ]" não poderiam ser consideradas como casos de não marcação de CVP6 já que são igualmente susceptíveis à ação do fenômeno também variável, de natureza

² A escala de Saliência fônica proposta por Naro (1981), controlada pela grande maioria dos estudos que tratam na variação da concordância de CVP6, foi disponibilizada na seção de Anexos deste artigo.

³ Como salienta Naro (1981: 64), há duas maneiras de marcar foneticamente a CVP6 em verbos menos salientes da categoria 1a: (i) manutenção do ditongo nasal – eles com[ẽj]; (ii) redução do ditongo e manutenção da nasalidade – eles com[ĩ].

fonológica, de redução e desnasalização de ditongos nasais átonos finais⁴ (RED/DES) (homem/home, órgão/órgu, comem/come, falam/falu)⁵. O fenômeno de RED/DES tem como ambiente de aplicação muitos dados comuns aos da aplicação da marcação explícita de CVP6. Conforme já destacado por Schwindt (2015), todas as formas verbais de terceira pessoa, terminadas em ditongos nasais átonos (falam, falavam, fazem, dissessem, entre outros) são tão vulneráveis à atuação do fenômeno de marcação explícita de CVP6 quanto à ação do fenômeno de RED/DES. Alguns desses casos, denominados por Schwindt (2015) de “outputs convergentes”⁶, geram formas ambíguas (cf. Guy 1981, 1996), ou seja, não possibilitam que reconheçamos, a partir da saída fonética, qual dos fenômenos operou em determinado caso – se foi o de RED/DES ou o de não marcação de CVP6 – ou ainda se ambos operaram concomitantemente.

Partindo das reflexões prévias e fazendo uso da nomenclatura de Schwindt (2015), a título de ilustração do que foi dito, é possível hipotetizar que, no PB, as formas verbais de terceira pessoa do plural podem ser classificadas em duas categorias no que diz respeito à possibilidade de geração de outputs convergentes, a saber:

Tipo 1: Formas verbais superficiais não ambíguas: nessas formas (terminadas em ditongo nasal átono final), mesmo que ambos os processos (RED/DES e marcação explícita de CVP6) se manifestem, é possível recuperar, a partir da forma fonética superficial, a ordem de aplicação de cada um, sem que haja dúvidas sobre quando um fenômeno foi aplicado ou não.

⁴ Diferentemente da maioria dos estudos que estudam o fenômeno de RED/DES no PB, os quais o nomeiam de desnasalização e redução de ditongos nasais átonos finais, optamos pela inversão na ordem dos fenômenos em sua nomenclatura, assumindo que redução significaria a passagem de ditongo à monotongo nasal (e.g. [ãw̃] > [õ]) e que a desnasalização só ocorreria em estágio posterior, no qual o monotongo nasal passaria a monotongo oral (e.g. [õ] > [o]). Assumimos essa nomenclatura, portanto, já que não é possível que a desnasalização se manifeste diretamente em ditongos ([ãw̃] > *[aw]). Formas como, por exemplo, for[ãw̃] não se realizam como *for[aw].

⁵ Dentre os trabalhos que problematizam a interferência da fonética/fonologia sobre o processo de marcação explícita de CVP6, citamos os trabalhos pioneiros de Guy (1981, 1996) e Nicolau (1984), e, mais recentemente, o de Schwindt (2015). Guy (1981) e Nicolau (1984) problematizaram a interferência do processo variável de RED/DES sobre a marcação de CVP6, salientando a necessidade do controle de variáveis fonológicas nos estudos da concordância de terceira pessoa do plural. Schwindt (2015), por sua vez, problematiza a sobreposição entre fenômenos morfofonológicos do PB, dentre eles, a redução e desnasalização de ditongos nasais átonos finais em formas verbais.

⁶ Schwindt (2015: 552) define “outputs convergentes” como “[...] estruturas comuns de superfície que podem corresponder a diferentes processos”. Merece nota que o que chamamos, neste texto, de “dados ambíguos” não é sinônimo do que Schwindt (2015) rotula de “outputs convergentes”. Todos os dados ambíguos são outputs convergentes, mas nem todos os casos de outputs convergentes são dados ambíguos. Discutimos essa questão, com mais detalhamento, ainda nesta seção introdutória.

Tipo 2: Formas verbais superficiais ambíguas: nessas formas verbais (também terminadas com ditongo nasal átono), não é possível concluir, com base na forma de fonética superficial, se houve a aplicação de ambos os fenômenos (CVP6 e posterior aplicação de RED/DES), ou se não houve a aplicação de marcação explícita de CVP6.

No que diz respeito ao que rotulamos de “tipo 1” (casos de outputs convergentes que não geram formas superficiais ambíguas), temos o exemplo expresso em (a).

(a) forma de superfície: (Eles) cantaru

1. (Ele) cantou (forma no singular)
2. (Eles) cantaram [kantarẽw̃] (aplicação de CVP6)
3. (Eles) cantaru [kantarɔ] (aplicação da RED/DES)

No esquema apresentado em (a), temos em (a1) a forma verbal no singular (Ele cantou), em (a2), a forma verbal após a aplicação da marcação explícita de CVP6 (Eles cantaram) – forma que cria ambiente (ditongo nasal átono final) para a possível aplicação de RED/DES, e, em (a3), a forma de superfície “cantaru” (cantarẽw̃ > cantarɔ), resultante da aplicação do processo fonético/fonológico de redução do ditongo e posterior queda da nasalidade. Nesse caso, conforme já mencionado, é possível restaurar, com segurança, a ordem de aplicação dos fenômenos a partir da forma superficial “cantaru”: primeiro houve a aplicação de marcação explícita de CVP6 e depois a aplicação de RED/DES. A marcação de CVP6, nesta situação, é, portanto, uma regra alimentadora da RED/DES. Essa reconstituição é possível dado que a forma verbal “cantaru” (assim como outras formas verbais nomeadas pela literatura que trata da CVP6 de verbos mais salientes) apresenta, além do “u” reminescente do ditongo nasal, outros elementos fônicos responsáveis pela distinção singular/plural (cantou – cantaru). A aplicação de RED/DES, em casos como (a), atua, desse modo, sem eliminar todas as marcas superficiais de concordância, visto que tais marcas não se restringem à nasalidade.

No entanto, já em casos do “tipo 2”, como no exemplo expresso em (b), a seguir, não é possível recuperar, a partir de uma análise da forma de output, qual dos processos (marcação explícita de CVP6 ou RED/DES) foi aplicado. Com base na saída fonética, podemos aventar duas hipóteses de relacionamento entre os fenômenos variáveis em exame, conforme expresso em (b).

(b) forma de superfície: (Eles) comi

Hipótese 1:

1. (Ele) come (forma no singular)
2. (EleS) comem [komẽj] (aplicação de marcação de CVP6)
3. (EleS) come [komɪ] (aplicação de RED/DES)

Hipótese 2:

1. (Ele) come (forma no singular)
2. (EleS) comeØ (não aplicação de marcação CVP6)
2. Eles comeØ [komɪ]

Com base em (b), ao entrarmos em contato com a forma de superfície “Eles comi”, por exemplo, podemos propor duas interpretações: (i) a de que o fenômeno de marcação explícita de CVP6 foi aplicado e, em seguida, o de RED/DES manifestou-se (hipótese 1), ou então (ii) a de que não houve aplicação da marcação de CVP6, o que não cria ambiente para a aplicação de RED/DES (hipótese 2). Os casos apresentados em (b) são os que ocorrem com as formas verbais delimitadas pela literatura como formas menos salientes (especificamente os da categoria 1a da escala de Naro)⁷. São esses dados, portanto, que suscitam dúvidas em relação a qual das duas hipóteses aventadas anteriormente seria a mais adequada, visto que ambas geram formas superficiais idênticas. Concluimos, portanto, assim como Guy (1981, 1996), que tais formas merecem tratamento metodológico diferenciado nas análises, a fim de que interpretações equivocadas sobre o fenômeno de concordância de P6 não sejam feitas. Sendo assim, podemos questionar o quanto dos dados de formas verbais menos salientes (classificados na categoria 1a de Naro) representam legitimamente casos de não marcação de CVP6⁸.

Além da RED/DES, outro fenômeno fonológico, no entanto mais geral, também incide sobre a marcação explícita de CVP6, assim como atentado por Brandão, Vieira e Gomes (2015:105): o fenômeno de sândi vocálico externo. O processo de sândi externo trata-se de um fenômeno de ressilabação que, para que seja aplicado, exige: (i) uma sequência de duas vogais em fronteira de palavra (uma no final e outra no início); (ii) a obediência a restrições de natureza rítmica, ligadas ao acento primário

⁷ Há autores que defendem que tanto os dados da categoria 1a (sabe/sabem) como os da categoria 1b (fala/falam) da escala de saliência de Naro (1981) seriam ambíguos. Não assumimos essa premissa visto que, em nossos dados, quando observamos aplicação de RED/DES em formas classificadas como 1b (fala/falam), o ditongo reduzido [ẽw̃] passa a [o] (e não a [e]). Sendo assim, consideramos que há preservação de marca nesses casos em virtude da distinção de qualidade vocálica. Dados como “Eles fala”, para nós, portanto, não configuram casos de aplicação de RED/DES, mas sim casos de não marcação explícita de CVP6.

⁸ Do mesmo modo, podemos traspor essa reflexão aos estudos acerca da redução e desnasalização de ditongos nasais átonos finais, os quais, em sua maioria, adotam a hipótese 1, expressa em (b), não atentando, muitas vezes, para a possível interferência da não marcação da CVP6 nos dados verbais analisados.

(Bisol, 1992, 1996). Com base em Collischonn (2010: 124-125), os processos de sândi vocálico externo são:

- (a) Degeminação: quando duas sílabas idênticas (ou semelhantes) se encontram em fronteira de palavra e a segunda não carrega acento primário (menina alegre > menin[a]legre, perdi isso > *perd[i]sso);
- (b) Elisão: quando duas sílabas distintas se encontram em fronteira de palavra e nenhuma das duas carrega acento primário (merenda escolar > merend[e]scolar, toca órgão > *toc[ɔ]rgão);
- (c) Ditongação: quando há a formação de um ditongo com a vogal final de uma palavra e com a vogal inicial da palavra subsequente. Nesse caso, é necessário que uma dessas vogais seja uma vogal alta – para que possa se tornar uma semivogal – e que, além disso, não carregue acento primário (sabe alegrar > sab[ja]legrar, bambu alto > *bamb[wa]lto).

Os exemplos a seguir, extraídos do corpus analisado no presente estudo, demonstram casos em que, assim como os narrados anteriormente para o processo de RED/DES, também seriam considerados por nós como “casos ambíguos” já que não nos permitem concluir, a partir da forma fonética superficial, se estamos diante de um caso de não marcação/ marcação de CVP6 ou de um caso de sândi vocálico externo. Os exemplos são:

- (a) Hoje em dia elas não brinc[**a**]gora é só computador (degeminação ou não marcação de CVP6?)
- (b) Daí eles botu, aí eles divid[**êj**]tre eles, os mais necessitados, sabe?! (degeminação ou marcação de CVP6?).

Conforme o exemplo apresentado em (a), não podemos afirmar que não houve marcação de CVP6 haja vista que o processo fonológico variável de degeminação também pode ser responsável pela forma superficial observada. Já em (b), não é possível delimitar se o ditongo verificado seria marca de CVP6 ou apenas resultado do processo de ditongação.

Cabe destacar aqui uma diferença entre os possíveis efeitos dos fenômenos fonológicos variáveis de RED/DES e de sândi vocálico externo sobre os resultados da

análise estatística empreendida assumindo-se como variável dependente a marcação explícita de CVP6. Caso não fossem excluídos da análise, todos casos ambíguos que envolvem RED/DES computariam como variante não marcada. Já os casos ambíguos que envolvem sândi externo, por outro lado, computariam ora como variante marcada (casos de ditongação), ora como variante não marcada (casos de degeminação).

Nos estudos sobre variação na marcação da CVP6 aludidos, observamos, muitas vezes, que não há uma narração precisa a respeito de como os pesquisadores lidam com essas formas ambíguas – se as tratam como ambientes neutralizadores e as excluem da investigação ou se tais contextos são computados na análise dos dados. Assim sendo, assumimos como objetivo principal deste artigo discutir, com base em dados empíricos provenientes da fala de 14 informantes da região não urbana da Costa da Lagoa (Florianópolis- SC), o efeito dos fenômenos fonológicos de RED/DES e de sândi vocálico externo sobre a marcação explícita da CVP6.

Elegemos a comunidade da Costa da Lagoa em virtude de trabalhos como os de Battisti (2002) e Schwindt e Bopp da Silva (2002) terem apontado Florianópolis como a cidade componente do Banco VARSUL que apresenta maiores índices de RED/DES. Ao mesmo tempo, resultados provenientes de estudos sobre a marcação explícita da CVP6 em Florianópolis (Monguilhott 2001, 2009) apontam altos índices da variante marcada nas regiões da ilha investigadas. Desse modo, buscamos dar início à discussão sobre o problema do encaixamento entre fenômenos variáveis (Weinreich, Labov e Herzog, 1968; Labov, 1982, 1994, 2010) a partir de uma perspectiva mais genérica que leve em conta as possíveis relações entre diferentes áreas da gramática.

No intuito de atingir esse objetivo principal, realizamos uma análise dos fatores condicionantes do processo de marcação explícita de CVP6 na amostra da Costa da Lagoa (Banco Chaves, 2016)⁹, levando em conta os casos de “dados ambíguos” e, posteriormente, comparamos essa análise a outra na qual tais dados são excluídos. Nossa hipótese é a de que com a exclusão de dados ambíguos sejam verificadas alterações tanto no índice global de marcação de CVP6 (P_0), assim como na seleção dos condicionadores do fenômeno.

⁹ A Amostra Chaves (2016) trata-se de uma amostra complementar incorporada ao Banco VARSUL, agência UFSC.

Na próxima seção, apresentamos uma breve revisão de literatura dos estudos que trataram da marcação da CVP6 e da DES/RED, tendo Florianópolis como dimensão de análise. Na seção 3, expomos a metodologia empregada em nosso estudo. Na seção 4, apresentamos as duas análises (análise com dados ambíguos versus análise sem dados ambíguos), traçando uma comparação entre os resultados de cada uma. Por fim, na última seção, tecemos as considerações finais deste trabalho.

2. ESTADO DA ARTE: A MARCAÇÃO EXPLÍCITA DE CVP6 E RED/DES

Muitos são os estudos sociolinguísticos centrados na análise da marcação explícita de CVP6 no PB, assim como os que trataram do fenômeno fonológico de RED/DES. Nos detemos, nesta seção, a uma breve revisão dos resultados de trabalhos que abordaram o comportamento dos fenômenos em Florianópolis (SC), já que esta é a comunidade investigada por nós.

No que diz respeito à variação na marcação explícita de CVP6 em dados de fala de Florianópolis, temos dois estudos: Monguilhott (2001, 2009). Em sua dissertação de mestrado (Monguilhott, 2001) analisou a fala de 24 sujeitos florianopolitanos (Amostra base VARSUL), estratificados em sexo (feminino e masculino), escolaridade (quatro anos de escolarização e 11 anos de escolarização) e faixa etária (de 15 a 24 anos, de 25 a 45 anos e de 52 a 76 anos). O índice de aplicação do fenômeno aferido pela autora foi de 79% (932/1251). Dentre as variáveis linguísticas controladas, foram selecionadas: (i) Saliência fônica – formas mais salientes (**Forum** eles que me ajudarama soltá mais); (ii) Posição do sujeito em relação ao verbo – sujeito anteposto (**Eles** fizeram churrasco); (iii) Paralelismo formal – presença de forma explícita no último elemento do SN (**Eles** encrencaram comigo) e presença de numeral terminado em /s/ no último elemento (Sei que dois [foi] [foru] foru criado ali); (iv) Traço semântico do sujeito – traço [+humano] (**As crianças** não são cachorro); (v) Tipo de verbo – verbos cópula (E o meus dois irmão sempre **foru** meio pacatos assim, né?) e (vi) Tipo de sujeito – amálgama dos fatores pronome pessoal + pronome demonstrativo (**Eles** eram improvisados/**Essas** são as pessoas que realmente...). Já as variáveis extralinguísticas apontadas como relevantes foram: (i) Escolaridade – 11 anos de estudo; (ii) Faixa etária – de 52 a 76 anos (mais velhos) e de 15 a 24 anos (mais jovens); (iii) Sexo – feminino.

Em sua tese de doutorado, Monguilhott (2009) restringiu sua análise a 16 informante de Florianópolis. A autora investigou os dados de um novo banco, elaborado por ela própria (Banco Monguilhott). Foram analisados informantes de quatro localidades da ilha: Ingleses e Centro (comunidades urbanas) e Costa da Lagoa e Ribeirão da Ilha (comunidades não urbanas). A autora verificou um índice global de marcação da CV muito próximo ao encontrado em 2001 na comunidade: 80,6% (640/794). As variáveis linguísticas apontadas como significativas nesta análise foram muito semelhantes as encontradas em 2001, a saber: (i) Saliência fônica, (ii) Paralelismo formal, (iii) Posição do sujeito em relação ao verbo, (iv) Traço humano no sujeito. No que tange às variáveis extralinguísticas, foi apontada como significativa apenas a variável Idade/escolaridade¹⁰.

Ao compararmos os dois estudos, observamos, em termos de índice de aplicação do fenômeno, percentuais muito próximos (79 e 80,4%). Já em relação aos fatores condicionantes do fenômeno, também verificamos coerência nas variáveis linguísticas e extralinguísticas apontadas como estatisticamente significativas.

No que toca aos estudos sobre RED/DES que consideraram os dados de informantes de Florianópolis (ou do estado de Santa Catarina), temos os estudos de Battisti (2002) e Schwindt e Bopp da Silva (2012).

O estudo de Battisti (2002) analisou o processo de redução da nasalidade em ditongos nasais átonos finais em dados de 90 entrevistas componentes da Amostra Base VARSUL. Os informantes analisados foram estratificados por sexo (45 homens, 45 mulheres), região (Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina – 30 de cada estado) e escolaridade (de zero a quatro, de cinco a oito e de nove a 12 anos). O índice geral de redução da nasalidade dos ditongos, levando-se em conta todas as localidades examinadas, foi o de 43% (2448/5644). Os grupos de fatores linguísticos estatisticamente significativos no estudo de Battisti foram: (i) Classe de palavra – nomes (homem); (ii) Consoante em posição de onset silábico – consoante não nasal posterior (jogam) e Consoante não nasal anterior (item); (iii) Contexto fonológico seguinte – vocálico (jovem amigo). No que se refere às variáveis extralinguísticas, mostraram-se relevantes: (i) Localidade – Santa Catarina; (ii) Sexo – masculino. Cabe destacar que, em relação aos índices de aplicação do fenômeno por estado, em

¹⁰ Assim como neste estudo, a amostra de Monguilhott (2009) não é ortogonal no que tange a estratificação em termos de escolaridade e faixa etária: os mais velhos, em sua grande maioria, apresentam escolaridade baixa, e os mais novas, escolaridade alta.

Santa Catarina, a taxa verificada foi de 61%, comparada a de 39% computada no Rio Grande do Sul e a de 29%, no Paraná.

Em estudo subsequente, Schwindt e Bopp da Silva (2009) analisaram os ditongos nasais átonos em posição de final de palavra em todas as entrevistas que compõem Amostra base VARSUL, isto é, nos 192 inquéritos de fala que compõem o banco. Os sujeitos foram estratificados segundo a localidade geográfica (Porto Alegre, São Borja, Panambi, Flores da Cunha – RS; Florianópolis, Blumenau, Chapecó, Lages – SC; Curitiba, Londrina, Pato Branco, Irati – PR), a faixa etária (de 25 a 50 anos e acima de 50 anos) e a escolaridade (de zero a 4 anos e de 9 a 12 anos).

A queda da nasalidade foi registrada em 34% (3144/9313) das ocorrências gerais. As variáveis estruturais apontadas como significativas foram: (i) Classe de palavra – nomes com sufixo -gem (reciclagem), nomes com -gem na raiz (origem) e nomes (homem); (ii) Contexto fonológico seguinte – vocálico (falam **alemão**); (iii) Consoante em posição de onset silábico – consoante nasal (**amam**) e consoante não nasal posterior (**ficam**); (iv) Tonicidade do contexto seguinte – átona (vieram **morar**). As variáveis extralinguísticas selecionadas na análise estatística, por seu turno, foram: (i) Localidade geográfica – Florianópolis, Lages e Porto Alegre; (ii) Faixa etária – de 25 a 50 anos, (iii) Escolaridade – até 4 anos de estudo formal.

Assim como já ressaltado no estudo de Battisti (2002), merece destaque também o fato de que, apesar de o índice global (P_o) de redução da nasalidade ter sido de 34%, no estudo de Schwindt e Bopp da Silva (2009), verificou-se percentual de aplicação do fenômeno de 71% em Florianópolis. Sendo assim, observamos que a afirmação de Battisti (2002: 197) de que “[...] a desnasalização em posição final está mais difundida em Santa Catarina [...]”, de fato, se aplica à capital de SC e a Lages. Salientamos, no entanto, que Florianópolis é a localidade que, dentre todas as cidades investigadas, apresenta maiores índices de aplicação do fenômeno, taxa bastante distante da média global de aplicação de 34% encontrada por Schwindt e Bopp da Silva (2009).

Feita esta breve revisão dos estudos acerca da marcação explícita de CVP6 e do fenômeno de redução da nasalidade, passamos, na seção 3, à exposição dos procedimentos metodológicos aqui adotados.

3. METODOLOGIA

Nesta seção, apresentamos a metodologia empregada na a realização da investigação empírica deste estudo. Na seção 3.1, exibimos a composição da amostra e o processo de levantamento e codificação dos dados. Na seção 3.2, apresentamos um breve panorama da comunidade em estudo e, por fim, na seção 3.3, expomos as variáveis controladas, eleitas como base nos estudos prévios revisados (cf. seção 2), para realização desta análise.

3.1 A AMOSTRA E O PROCESSO DE LEVANTAMENTO/CODIFICAÇÃO DOS DADOS

Com base nos preceitos teórico-metodológicos da Teoria da Variação (LABOV, 1972, 1994, 2001, 2010), foram considerados neste artigo dados provenientes de 14 entrevistas de natureza semiespontânea (coletadas nos moldes labovianos), realizadas na localidade da Costa da Lagoa, região não urbana da cidade de Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina (Brasil). Os sujeitos considerados, assim como suas características, encontram-se expostos no Quadro 2.

Informante	Idade	Escolaridade	Sexo
1	80 anos	analfabeta	feminino
2	84 anos	4 ^a série EF	feminino
3	68 anos	4 ^a série EF	feminino
4	65 anos	4 ^a série EF	masculino
5	50 anos	4 ^a série EF	masculino
6	33 anos	6 ^a série EF	masculino
7	30 anos	8 ^a série EF	feminino
8	30 anos	EM	masculino
9	59 anos	EM e Curso técnico	feminino
10	32 anos	EM e Curso técnico	feminino
11	27 anos	EM e Curso técnico	masculino
12	30 anos	ES	masculino
13	25 anos	ES	masculino
14	33 anos	ES e Especialização	feminino

Quadro 2: Estratificação social dos informantes

Com o intuito de garantir a qualidade acústica dos dados, todas as entrevistas foram registradas com gravador digital H4N ZOOM, com captação de áudio na faixa de frequência de 44.100 Hz e microfone AKG C520L acoplado. Desse modo, asseguramos uma boa qualidade dos dados, fato que permitiu uma análise de oitiva com alto grau de confiabilidade.

Após a transcrição ortográfica das entrevistas, procedemos à transcrição fonética dos dados-alvo (formas verbais de terceira pessoa do plural). Foram levantamos e codificados todos os dados verbais de P6, assim como as sentenças em que tais formas verbais encontravam-se inseridas.

3.2 UM BREVE PANORAMA DA COMUNIDADE EM ESTUDO

A comunidade da Costa da Lagoa trata-se de uma comunidade isolada de Florianópolis. Há relatos de que lá (concomitantemente a outras regiões da cidade como Santo Antônio de Lisboa e Ribeirão da Ilha) teriam atracado os primeiros colonizadores portugueses da região. Para se ter acesso à localidade, é necessário realizar uma trilha ou então fazer o percurso de barco que dura cerca de 40 minutos.

Segundo dados do Censo (2010), cerca de 1000 habitantes ocupam a “Costa”, sendo, em sua maioria, nativos – os chamados “manezinhos”. Dessa forma, os habitantes da comunidade que, em sua maioria, frequentam pouco outras localidades da ilha (baixo grau de mobilidade), apresentam fala bastante coesa, que chama a atenção, em especial por sua velocidade (alta taxa de elocução) e pela manutenção de traços lusófonos (como o “chiado”, por exemplo).

Nosso intuito, ao investigar a comunidade da Costa da Lagoa, é o de verificar se existe alguma correlação negativa entre a aplicação da marcação explícita de concordância verbal de CVP6 e o fenômeno de redução do ditongo e queda da nasalidade, assim como vislumbrado em Guy (2013) em dados de fala carioca. Nossa conjectura é a de que, diferentemente do que foi verificado por Guy (2013) em dados do Rio de Janeiro, não haja correlação entre os fenômenos na localidade, já que os estudos de Monguilhott (2001, 2009) indicam altos índices de concordância de P6 em Florianópolis e os estudos de Battisti (2002) e Schwindt e Bopp da Silva (2009) apontam, simultaneamente, altos índices de redução da nasalidade na capital catarinense. Apesar de não abordarmos diretamente este tema no presente artigo, o

tratamento metodológico dos dados proposto aqui nos auxiliará nesta tarefa a ser apresentada em estudo posterior.

3.3 O ENVELOPE DE VARIAÇÃO

A variável dependente da análise do fenômeno de marcação explícita de concordância verbal de terceira pessoa, neste estudo, opõe duas variantes, a saber:

Variável dependente
Com marcação explícita de CV (Os sete homem <u>morU</u> tudo aqui)
Sem marcação explícita de CV (Os homem <u>tinhA</u> que levar uma carga de bateria)

Quadro 3: Variável dependente

Controlamos, nesta análise, a ação de grupos de fatores independentes, fatores internos e externos, estipulados com base na revisão de estudos prévios já referidos (Cf. Seção 2). As variáveis controladas encontram-se dispostas no Quadro 3.

VARIÁVEIS INDEPENDENTES		
Variáveis	Grupo de fatores	Exemplos
(i) Saliência fônica (Naro, 1981)	a) Nível 1a b) Nível 1b c) Nível 1c d) Nível 2a e) Nível 2b f) Nível 2c g) Nível 2d h) Nível 2e	come/comem fala/falam faz/fazem dá/dão bateu/bateram falou/falaram é/são disse/disseram
(iii) Contexto fonológico seguinte	a) vogal b) consoante nasal c) consoante não nasal d) pausa e) sândi externo	comeram aí viagem mata foram lá coragem (pausa) deix[a]li
(ii) Contexto fonológico precedente	a) nasal b) consoante não nasal posterior c) consoante não nasal anterior d) sem consoante no onset	ti.nham fi.cam fa.lam i. Øam
(iv) Tonicidade do contexto seguinte	a) tônico b) átono c) não aplica (casos de pausa)	foram <u>lá</u> botam <u>barracão</u> -
(v) Traço humano do sujeito	traço [+ humano] traço [- humano]	Elas trabalhU muito a questão do folclore, da cultura e tal. (as professoras) Isso aí foi feito plebiscitos.
(ii) Posição do sujeito em relação ao verbo	a) SN anteposto b) SN posposto c) nulo	<u>Pouquíssimas</u> pessoas fic[êw]. Continu[ô] <u>todos</u> morando aqui.(familiares) Ø fazI festa terço, missa, assim, batizado.
(vi) escolaridade/idade	de 0 a 4 anos de estudo (nível a) de 5 a 12 anos de estudo (nível b) mais de 12 anos de estudo (nível c)	
(vii) sexo	feminino masculino	

Quadro 4: Envelope de variação – Variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas

Após a codificação dos dados, conduzimos as análises no programa estatístico Goldvarb X (Sankoff, Tagliamonte e Smith 2005). Os resultados das investigações aqui empreendidas são divulgados na seção 4.

4. A MARCAÇÃO EXPLÍCITA DE CVP6: RESULTADOS DA ANÁLISE COMPARATIVA

Na primeira análise realizada, levamos em conta todos os dados de terceira pessoa do plural transcritos. Assim sendo, optamos por não eliminar os dados ambíguos, isto é, as formas verbais que podem ser resultado da ação de fenômenos variáveis distintos (RED/DES, sândi externo e marcação ou não explícita de CVP6).

Foram consideradas, nesta rodada estatística, as seguintes variáveis independentes: (i) Saliência fônica (Cf. Naro 1981); (ii) Contexto fonológico seguinte; (iii) Contexto fonológico precedente; (iv) Tonicidade do contexto seguinte; (v) Traço humano do sujeito; (vi) Posição do sujeito; (vii) Escolaridade/Idade¹¹; (viii) Sexo. Incluímos, na análise da concordância, assim como Guy (1981), variáveis de natureza fonológica, apontadas como influenciadoras da RED/DES, com a finalidade de verificar se o fenômeno de marcação se mostraria sensível a alguma delas, fato que, caso ocorresse, poderia indicar viés na investigação, já que não se espera que variáveis do nível fonético/fonológico atuem favorecendo ou desfavorecendo fenômenos de cunho morfossintático.

Na segunda análise, por sua vez, eliminamos da amostra em exame os casos ditos ambíguos. De forma detalhada, excluímos da rodada estatística: (i) os dados categorizados como verbos menos salientes da categoria 1a de Naro (1981) – come/comem, sabe/sabem – sobre os quais a RED/DES poderia atuar gerando uma forma superficial idêntica à de não aplicação do fenômeno de marcação explícita de CVP6 – comeØ, sabeØ; (ii) os dados categorizados no grupo de fatores Contexto seguinte como casos de sândi vocálico externo (Er[a]queles banheiro no meio do mato, né?!).

Do total de 908 dados computados na primeira análise foram subtraídos, da segunda, 108: 53 casos em que a verificação não marcação da concordância poderia ter sido obliterada pelo fenômeno de RED/DES e 55 dados em que a marcação/não marcação da CVP6 poderia ter sofrido efeito dos processos de sândi vocálico externo. Os valores brutos e índices gerais de aplicação do fenômeno de marcação explícita de CVP6, nas análises 1 e 2, encontram-se expostos na Tabela 1.

¹¹ Optamos por unir as variáveis Faixa etária e Escolaridade em uma só variável visto que, em nossa amostra, praticamente todos os sujeitos mais jovens apresentam maior grau de instrução enquanto que os sujeitos mais velhos apresentam menor grau de escolaridade. Desse modo, caso analisássemos as variáveis separadamente, comprometeríamos a confiabilidade de nossa análise.

Análise 1 – Análise com “dados ambíguos”	
728/908	80,2%
Análise 2 – Análise sem “dados ambíguos”	
677/800	84,6%

Tabela 1: Índice percentual marcação versus não marcação de CVP6 – comparação das análises 1 (com dados ambíguos) e 2 (sem dados ambíguos)

Segundo os valores apresentados na Tabela 1, observamos, na análise que considerou todos os dados (análise 1), uma taxa de marcação explícita de CVP6 equivalente a 80,2% (728/908). O valor encontrado aproxima-se muito do percentuais narrados por Monguilhott (2001, 2009) – 79% e 80,6%, respectivamente – autora que também investigou o fenômeno na fala florianopolitana (cf. Seção 2). Já na segunda análise, na qual foram excluídos os casos ambíguos (os quais computaram 108 dados), passamos a ter um índice de 84,6% de marcação de concordância.

Na comparação entre esses resultados, constatamos um aumento no valor de P_0 (frequência global de aplicação) do fenômeno em exame quando eliminamos os dados que poderiam estar sendo interpretados sem plena segurança como casos de não concordância ou concordância. Dessa maneira, nossa premissa inicial de que o valor de frequência global de aplicação do fenômeno de marcação de CVP6 seria superior na análise 2 foi corroborada.

No que tange aos fatores condicionadores da marcação, também obtivemos algumas diferenças ao compararmos as duas investigações. Foram apontados como relevantes, na análise 1, os seguintes grupos de fatores: (i) Saliência fônica; (ii) Contexto fonológico seguinte; (iii) Traço humano do sujeito; (iv) Posição superficial do sujeito; (v) Faixa etária/Escolaridade. Na análise 2, as variáveis independentes selecionadas foram: (i) Saliência fônica; (ii) Contexto fonológico seguinte, (iii) Traço humano do sujeito; (iv) Posição do sujeito; (v) Faixa etária/Escolaridade. Como podemos perceber, a variável fonológica Contexto fonológico seguinte, selecionada na rodada 1, não foi apontada como relevante na rodada 2. Tal fato, a nosso ver, sugere que com a “limpeza dos dados”, via exclusão dos dados ambíguos – os quais, conforme aponta a literatura, seriam condicionados essencialmente por fatores fonológicos –, a variável Contexto fonológico seguinte deixou de ser relevante.

Os resultados relativos a cada uma das variáveis selecionadas serão apresentados conjuntamente (análise 1 e 2), exceto o da variável Contexto fonológico

seguinte, selecionada apenas na análise 1. A Tabela 2, a seguir, mostra os resultados relativos à ação da variável Saliência fônica na análise em que consideramos todos os dados.

Fator	Aplic./Total	Percentual	Peso relativo
Nível 1 (come/comem)	16/55	29	0,028
Nível 2 (fala/falam, falava/falavam)	300/384	78,1	0,327
Nível 3 (faz/fazem)	43/50	86,0	0,318
Nível 4 (dá/dão, tá/tão)	103/108	95,4	0,892
Nível 5 (viu/viram)	54/60	90	0,751
Nível 6 (falou/falaram)	30/83	96,4	0,755
Nível 7 (é/são)	103/136	75,6	0,677
Nível 8 (disse/disseram)	29/32	90,6	0,689
TOTAL	728/908	80,2%	

Input = 0,894
Significance = 0,034

Tabela 2: Marcação explícita de CVP6 e **Saliência fônica** (Naro, 1981) – análise com inclusão de dados ambíguos

Conforme é possível vislumbrar na Tabela 1, os resultados percentuais e probabilísticos não mostram uma ascendência em direção aos verbos mais salientes. Constatamos uma elevação tanto nos valores percentuais como no peso relativo apenas nos níveis 1, 2 e 3 da escala – formas verbais que não apresentam oposição acentuada (cf. Quadro 1, seção de anexos). Nos demais níveis (4, 5, 6, 7 e 8), a hipótese de que quanto maior fosse a saliência das formas, maior seria a probabilidade de marcação explícita de CVP6 na direção $4 < 5 < 6 < 7 < 8$, não foi confirmada. Tais resultados assemelham-se aos de Monguilhott (2009), autora que, ao investigar os dados de fala de Florianópolis, não atestou o efeito dos níveis de saliência: a variável também foi selecionada, no entanto, a correlação entre a saliência das formas e marcação de CV, não.

Na Tabela 3, a seguir, verificamos a o efeito da variável Saliência fônica na rodada feita com exclusão dos “dados ambíguos”.

Fator	Aplic./Total	Percentual	Peso Relativo
Nível 1 (come/comem)	-----	-----	-----
Nível 2 (fala/falam, falava/falavam)	283/349	81,1	0,288
Nível 3 (faz/fazem)	42/49	85,7	0,256
Nível 4 (dá/dão, tá/tão)	103/108	95,4	0,878
Nível 5 (viu/viram)	49/55	89,1	0,642
Nível 6 (falou/falaram)	73/76	96,1	0,644
Nível 7 (é/são)	103/136	75,7	0,631
Nível 8 (disse/disseram)	24/27	88,9	0,546
TOTAL	677/800	84,6	

Input = 0,9921
Significance = 0,000

Tabela 3: Marcação explícita de CVP6 e **Saliência fônica** (Naro, 1981) – análise com exclusão de dados ambíguos

De forma análoga ao que foi verificado na análise que levou em conta todos os dados (cf. Tabela 2), verificamos, mais uma vez, nos resultados expostos na Tabela 3, que, nos dados da comunidade não urbana da Costa da Lagoa, o efeito da saliência, conforme escala proposta por Naro (1981) não foi atestado. Entretanto, não observamos mais também, após a exclusão dos dados da categoria 1a e dos dados de sândi externo, correlação entre formas “menos salientes” (Nível 2, Nível 3) e marcação da CVP6, como havíamos verificado na análise 1. A partir dos resultados apresentados aqui e de reflexões prévias (Chaves 2014), cabe levantar o seguinte questionamento novamente: “[...] o que é saliente para uma comunidade é saliente para outra também? Haveria uma única escala de saliência fixa para todos os estratos sociais, todos os níveis de escolaridade e todos os estilos de emprego da fala?” (Chaves 2014: 547).

Assim, ressaltamos a necessidade de uma reflexão mais apurada sobre a variável Saliência fônica, já que, muitas vezes, apesar de ser apontada como relevante, o grupo de fatores não reflete correlação positiva entre aumento da saliência das formas e maiores taxas de concordância. Posto de outra forma, a variável é muitas vezes selecionada como estatisticamente relevante – assim como neste estudo – no entanto a hierarquia esperada não é respeitada, já que os fatores

que compõem as variáveis controladas são analisados independentemente pelo pacote estatístico Goldvarb X, sem que o programa pressuponha relação hierárquica entre os níveis.

Na análise que levou em conta todos os dados, diferentemente da análise que não considerou os dados ambíguos, como já mencionamos, o grupo de fatores Contexto fonológico seguinte foi selecionado. Os resultados relativos à variável encontram-se na Tabela 4.

Fator	Aplic./Total	Percentual	Peso relativo
Consoante nao nasal (tiveru que casar)	344/422	81,5	0,555
Pausa (eles foru <pausa>)	73/90	91,1	0,508
Consoante nasal (saíru mais)	115/139	82,7	0,482
Vogal (moruN aqui)	160/204	78,4	0,469
Sândi externo (brinc[um] monte) *Brincam um monte	36/53	67,9	0,241
TOTAL	728/908	80,2%	

Input = 0,894
Significance = 0,034

Tabela 4: Marcação explícita de CVP6 e **Contexto fonológico seguinte**– análise com inclusão de dados ambíguos

Como podemos vislumbrar, os contextos seguintes favorecedores da marcação explícita da concordância foram as consoantes não nasais (0,555) e a pausa (0,508). Causa estranhamento a seleção desta variável no que tange ao processo de marcação de CVP6, já que não esperaríamos influência do nível fonético sobre um fenômeno de natureza morfossintática. No entanto, como incluímos, nesta rodada, os dados ambíguos, que podem ser resultado também ação de fenômenos variáveis de cunho fonológico, provavelmente estamos diante de um resultado que enfatiza o viés analítico gerado pelo fato de termos considerado tais dados.

Em acréscimo, a Tabela 4 nos mostra que os casos de sândi externo foram os que atuaram com menor força no favorecimento da marcação explícita da CVP6. Tal fato conduz à conclusão de que a maioria dos dados de sândi trata-se casos de degeminação (Eles limp[a]qui tudo), casos que podem obscurecer os índices de marcação de concordância. Ao excluirmos os casos ambíguos, e realizarmos uma outra análise, a variável contexto fonológico seguinte não foi selecionada.

Na Tabela 5, a seguir, expomos os resultados referentes ao efeito da variável Traço humano do sujeito sobre a marcação explícita de CVP6 na análise com todos os dados.

Fator	Aplic./Total	Percentual	Peso relativo
[+humano] (Os irmão dele também moruN aqui)	700/810	86,4	0,582
[-humano] ([...] projetos sociais que valorizuN a cultura local)	28/98	28,6	0,062
TOTAL	728/908	80,2%	

Input = 0,894
Significance = 0,034

Tabela 5: Marcação explícita de CVP6 e **Traço humano do sujeito** – análise com inclusão de dados ambíguos

Os resultados exibidos na Tabela 5 mostram o alto favorecimento do traço semântico [+ humano] do sujeito (0,582), em comparação ao traço [-humano] (0,062), no condicionamento da variante marcada, na rodada com todos os dados. Resultado semelhante é verificado na análise com exclusão dos dados ambíguos, conforme atesta a Tabela 6.

Fator	Aplic./Total	Percentual	Peso relativo
[+humano] (Os irmão dele também moruN aqui)	650/713	91,2	0,586
[-humano] ([...] projetos sociais que valorizuN a cultura local)	27/87	31	0,054
TOTAL	677/800	84,6	

Input = 0,9921
Significance = 0,000

Tabela 6: Marcação explícita de CVP6 e **Traço humano do sujeito** – análise com exclusão de dados ambíguos

Assim como já referido, o fator traço [+humano] do sujeito também foi apontado na análise com extração dos dados ambíguos como estatisticamente relevante. O range (diferença entre o valor mais alto e o mais baixo), no entanto, tanto entre valores probabilísticos como entre valores probabilísticos aumentou, se os compararmos aos valores da rodada 1. Na primeira rodada (cf. Tabela 5), o range foi de 0,520 (57,8%), na segunda, de 0,532 (60,%). Este resultado está de pleno acordo com a literatura e não se foi significativamente “abalado” pela inclusão dos dados ambíguos.

O último grupo de fatores de natureza estrutural selecionado foi a Posição superficial do sujeito. A variável mostrou-se relevante em ambas as análises como mostram as Tabelas 7 e 8.

Fator	Aplic./Total	Percentual	Peso relativo
Nulo (FazI festa aqui de Santa Cruz também)	317/349	90,8	0,613
Anteposto (Eles emitir os sons deles)	395/486	81,3	0,544
Posposto (eu todos que moravam aqui)	16/73	21,9	0,033
TOTAL	728/908	80,2%	

Input = 0,894
Significance = 0,034

Tabela 7: Marcação explícita de CVP6 e **Posição superficial do sujeito** – análise com inclusão de dados ambíguos

A Tabela 7 indica que, na rodada geral, considerando todos os dados, sujeitos nulos (0,613) e sujeitos antepostos (0,544) atuaram como favorecedores da marcação explícita de CVP6. Os sujeitos pospostos ao verbo (0,033), por sua vez, não se mostraram favorecedores da manifestação do fenômeno. Esses resultados vão na mesma direção dos apontados por Monguilhott (2001, 2009) e diversos outros estudos que tratam da variação na marcação de CVP6 (cf. apontados na Introdução).

A seguir, temos expressos os resultados relativos ao efeito do grupo de fatores Posição superficial do sujeito na segunda análise empreendida.

Fator	Aplic./Total	Percentual	Peso relativo
Anteposto (Eles emitir os sons deles)	396/419	88,1	0,577
Nulo (FazI festa aqui de Santa Cruz também)	293/316	92,7	0,573
Posposto (eu todos que moravam aqui)	15/65	23,1	0,031
TOTAL	677/800	84,6	

Input = 0,9921
Significance = 0,000

Tabela 8: Marcação explícita de CVP6 e **Posição superficial do sujeito** – análise com exclusão de dados ambíguos

Na rodada sem dados ambíguos, observamos que os mesmos fatores da análise anterior foram selecionados, com uma leve alteração nos valores probabilísticos, sendo o sujeito anteposto (0,577) apontado como maior favorecedor da marcação se comparado ao sujeito nulo (0,573). Em contrapartida, essa diferença é irrisória (0,004). Do mesmo modo da análise anterior, os sujeitos pospostos (0,031) foram apontados como não favorecedores da marcação, em consonância com o que tem sido apresentado pela literatura.

Assim como esperado, visto que a marcação da concordância é caracterizada como um estereótipo linguístico, a variável Escolaridade foi selecionada em ambas as análises. As Tabelas 9 e 10 ilustram esses resultados.

Fator	Aplic./Total	Percentual	Peso relativo
De 0 a 4 anos	325/401	81	0,496
De 5 a 12 anos	309/394	78,4	0,423
Mais de 12 anos	94/113	83,2	0,758
TOTAL	728/908	80,2%	

Input = 0,894
Significance = 0,034

Tabela 9: Marcação explícita de CVP6 e **Escolaridade/Idade** – análise com inclusão de dados ambíguos

A Tabela 9, indica favorecimento da concordância por sujeitos mais escolarizados, com mais de 12 anos de instrução formal, o que corresponde ao Ensino Superior (0,758). No que tange aos demais graus de escolaridade, não observamos diferença significativa entre os grupos já que tanto as taxas percentuais quanto os pesos relativos estão muito próximos.

Fator	Aplic./Total	Percentual	Peso relativo
De 0 a 4 anos	304/364	83,5	0,468
De 5 a 12 anos	286/341	83,9	0,424
Mais de 12 anos	87/95	91,6	0,830
TOTAL	677/800	84,6	

Input = 0,9921
Significance = 0,000

Tabela 10: Marcação explícita de CVP6 e **Escolaridade/Idade** – análise com exclusão de dados ambíguos

A Tabela 10, apesar da exclusão dos dados ambíguos, mostra uma tendência bastante semelhante à vislumbrada na Tabela 8. Informantes com mais de 12 anos de instrução favoreceram muito o emprego das formas marcadas (0,830) em comparação aos demais (0,468 e 0,424).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, buscamos, como objetivo principal, discutir o efeito de dois processos fonológicos variáveis (RED/DES e sândi vocálico externo) sobre os resultados da análise do fenômeno variável de marcação explícita de CVP6 em dados

de terceira pessoa do plural provenientes da fala de 14 sujeitos oriundos da comunidade não urbana de Florianópolis (SC) da Costa da Lagoa. No universo amostral aqui analisado, os processos fonológicos influenciaram o índice global de concordância: quando dados ambíguos foram excluídos das análises, a taxa de marcação CVP6 aumentou. No que tange à seleção das variáveis independentes, a exclusão de dados ambíguos gerou alguns efeitos como a seleção da variável Contexto fonológico seguinte em uma das rodadas e a não seleção em outra. No que tange aos demais grupos de fatores, os fenômenos parecem não ter exercido forte influência. Cabe ressaltar, no entanto, que, talvez, em um universo amostral maior (análise que considere um maior número de dados), a interferência da RED/DES e do sândi externo vocálico sobre a marcação explícita de CVP6 possam gerar efeitos mais contundentes. Enfatizamos, portanto, a necessidade de um tratamento metodológico específico para dar conta de casos ambíguos no estudo da marcação variável da CVP6.

REFERÊNCIAS

- BATTISTI, Elisa. A redução dos ditongos nasais átonos. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (Orgs.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- BISOL, Leda. Sândi vocálico externo. In: ILARI, Rodolfo (Ed.). *Gramática do português falado II*. Campinas: Unicamp, 1992.
- _____. Sândi externo: o processo e a variação: In: ILARI, Rodolfo. *Gramática do português falado IV*. Campinas: Unicamp, 1996.
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo; VIEIRA, Silvia Rodrigues. A concordância nominal e verbal no Português do Brasil e no Português de São Tomé: uma abordagem sociolinguística. *PAPIA*, 2012.
- CHAVES, Raquel. Princípio de saliência fônica: isso não soa bem. *Letrônica*. Porto Alegre, v. 7, n. 2, 2014.
- COLLISCHONN, Gisela. A sílaba em português. In: BISOL, Leda (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: PUCRS, 2010.
- DIAS, E. *Perfil sócio-econômico, histórico e cultural da comunidade Lagoa, Ilha de Santa Catarina, Florianópolis, SC*. (Dissertação de Mestrado), Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

GUY, Gregory. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history*. Ph. D. Dissertation. Philadelphia: University of Pennsylvania., 1981.

_____. Form and function in Linguistic Variation. In: GUY, Gregory et al. (Ed.) *Current Issues in Linguistic Theory*. v. 127, 1996.

_____. The Cognitive Coherence of Sociolects: How do Speakers Handle Multiple Sociolinguistic Variables? *Journal of Pragmatics*, n. 52, 2013.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos* (Trad. De Marcos Bagno, Marta Maria Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso). São Paulo: Parábola: Parábola Editorial, 2008 [1972].

_____. *Principles of linguistic change: internal factors*. Cambridge: Blackwell, 1994.

_____. *Principles of linguistic change: social factors*. Cambridge: Blackwell, 2001.

_____. *Principles of linguistic change: cognitive factors*. Cambridge: Blackwell, 2010.

LEMLE, Miriam; NARO, Anthony Julius. *Competências Básicas do Português. Relatório Final apresentado às instituições Fundação Ford e Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral)*, 1977.

MONGUILHOTT, Isabel de Oliveira e Silva. *Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala dos florianopolitanos*. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

_____. *Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e PE*. Tese (Doutorado em Linguística). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

NARO, Anthony Julius. The social and structural dimensions of a syntactic change. *LSA, Language*, v. 57, 1981.

_____; LEMLE, Miriam. Syntactic diffusion. In: STEEVER, Sandor B. et alii (eds.) *Papers from the parasession on diachronic syntax*. Chicago, Chicago Linguistic Society, 1976.

NICOLAU, Eunice Maria das Dores. *A Ausência de Concordância Verbal em Português: uma abordagem sociolinguística*. Dissertação (Mestrado em Letras) Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1984.

SCHERRE, Martha; NARO, Anthony. A concordância de número no português do Brasil: um caso típico de variação inerente. In: HORA, Demerval da. (Org.). *Diversidade lingüística do Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997.

_____; _____. Efeitos da saliência fônica e do tempo/modo na concordância verbal. In: MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães (Orgs.). *Usos da linguagem e sua relação com a mente humana*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

SCHWINDT, Luiz Carlos; BOPP DA SILVA, Thaís. Panorama da redução da nasalidade em ditongos átonos finais no português do sul do Brasil. In: BISOL, Leda; COLLISCHONN, Gisela. (Ed.). *Português do sul do Brasil: variação fonológica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

_____. Um output, dois processos. *Revista da ABRALIN*. v.14, n.1, 2015.

VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo; GOMES, Danielly Kely. A expressão fonética de terceira pessoa do plural no português do Brasil: uma agenda de pesquisa para o tratamento da variável saliência fônica. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues (Org.). *A concordância verbal em variedades do português: a interface fonético-morfossintaxe*. Rio de Janeiro: Vemelho Marinho, 2015.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

ANEXOS

Escala de Saliência fônica proposta por Naro (1981)

CRITÉRIOS:
(1) presença ou ausência de acento na desinência (com base nesse critérios, foram estabelecidos dois níveis hierárquicos); (2) quantidade de material fônico diferenciador da forma singular e da forma plural (com base nesse critério, foram estabelecidos sete classes hierárquicas – três classes no nível 1 e cinco classes no nível 2.
Nível 1: oposição não acentuada (Pares nos quais os segmentos fonéticos que estabelecem a oposição singular/plural não apresentam acento em ambos os membros simultaneamente) a. não envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural (conhece/conhecem, corre/ correm) b. envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural (ganha/ganham, era/eram, gosta/gostam) c. envolve acréscimo de segmentos na forma plural (diz/dizem, quer/querem)
Nível 2: oposição acentuada (Pares nos quais os segmentos fonéticos que estabelecem a oposição singular/plural apresentam acento em pelo menos um dos membros) a. envolve apenas mudança na qualidade da vogal na forma plural (tá/tão, vai/vão) b. envolve acréscimo de segmentos sem mudanças vocálicas na forma plural (bateu/bateram) c. envolve acréscimo de segmentos com mudança vocálica na forma plural (falou/falaram/contou/contaram) d. envolve completa diferenciação entre a forma singular e plural (é/são) e. envolve acréscimos de segmentos e mudanças diversas na forma plural: mudanças vocálicas na desinência, mudanças na raiz f. (disse/disseram)

Quadro 1: Escala de Saliência Fônica (Baseada em NARO, 1981, p. 75)

Nível 1 (não acentuado):

- Classe a. [-i/ ĩ]
- Classe b. [-a/-ũ]
- Classe c. [-Ø/-ĩ]

Nível 2 (acentuado):

- Classe a [-á/-áw]
- Classe b [-éw/-érũ, -íw/-írũ, -óy/-órũ]
- Classe c [-ó/-árũ]
- Classe d. caso único: é/são
- Classe e. [-Ø/-érũ, -í/-érũ]

(NARO, 1981, p. 75)